O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — N.º 1813

Sábado, 4 de Dezembro de 1943

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Crónica alfacinha

1640

Foi há 303 anos. Os portugueses sentiam-se oprimidos pela dominação estrangeira e procuravam por todos os meios restaurar a sua independência. Aguardavam impacientes o momento oportuno para a revolta. As damas, como Filipa de Vilhena e Mariana de Lencastre, armavam seus filhos e incitavam-nos à luta.

Aproveitando a revolta da Catalunha, alguns fidalgos, entre os quais se distinguiam Miguel de Almeida, Antão de Almada, Jorge de Melo, António de Mascarenhas, João Pinto Ribeiro, Nicolau da Maia e outros, reuniram-se em Xabregas e discutiram a aclamação de D. João, Duque de Bragança, cuja esposa, D. Luísa de Gusmão, ambiciosa e varonil, preferia *reinar uma hora a servir tôda a vida.*

Na manhã do 1.º de Dezembro, bastante cedo ainda, enquanto no palácio de D. Antão de Almada se acordavam os últimos pormenores, corriam em direcção do Terreiro do Paço os valentes patriotas.

A's 9 horas, como se havia combinado, invadem o Paço, atacam a guarda e procuram Miguel de Vasconcelos, secretário do rei espanhol, célebre pela sua covardia, que, em lugar de se defender até à morte, se esconde num armário. Mas ali mesmo o descobrem e já crivado de balas e estocadas é atirado pela janela. Enquanto assustada a Duquesa de Mantua interroga o povo, o venerando Miguel de Almeida clama comovido:

— Liberdade! Viva D. João IV! A promessa de Afonso Henriques será cumprida.

E de seguida caminha para a Marquesa e diz-lhe:

—Senhora: nada tendes que temer; retirai-vos. Só reconheceremos como rei ao Duque de Bragança.

Como ela se exaltasse, D. Carlos de Noronha, apontando-lhe a porta, grita-lhe:

—Afastai-vos, se não quereis que vos faltem ao respeito, fazendo-vos também saír pela janela.

Tremendo, a Duquesa afastou-se. Estava restaurado Portugal!

Como sempre, um punhado de homens, cuidando os interesses da Pátria, antes dos seus, haviam-se revelado contra a escravidão e proclamado a independência.

E' que desde 1140, Portugal, sempre se pode orgulhar de possuir bons filhos e leais vassalos.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

IMPRENSA

O Ilhavense

Entrou em novo ano—o 33.º—êste colega, que tem a dirigi-lo o professor José Pereira Teles, cuja acção em prol dos interesses do concelho de Ilhavo se acha já vincada nas páginas do jornal onde por êles se tem batido denodadamente.

As nossas felicitações. E se é difícil prever o dia de àmanhã, como diz, devido à crise por que está passando a imprensa da província, sem ter quem lhe acuda, nada de esmorecimentos. Para não perder o que tanto há conseguido em tão longo espaço de tempo.

O 1.º de Dezembro

Foi comemorado, como de costume, pela Mocidade Portuguesa que em Aveiro elaborou um programa com missa na Sé, celebrada pelo sr. Arcebispo-Bispo da diocese; desfile perante o Monumento aos Mortos da Guerra e sessão solene no Teatro, rematada pelos hinos da Restauração, da M. P. e Nacional.

Os oradores foram os srs. Carlos Elmano da Rocha, comandante de Castelo e dr. José Bento, dirigente da M. P.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

O "Marianela„ pronto a sulcar os mares com a bandeira de Portugal

Dia bromoso, sem sol, a acompanhar a tristeza dos amigos de António Máximo na sua saüdade por êle. Todavia, dia grande para os continuadores da sua obra e que constituem a Emprêsa Continental de Navegação, com sede nesta cidade.

Já descrevemos as principais características do barco no domingo lançado à água nos estaleiros da Gafanha. Por isso nos limitamos hoje à notícia do acontecimento, ao qual assistiram milhares de pessoas, entre elas o elemento oficial, civil e militar, para êsse fim convidado.

Eram 16 horas e meia quando, ultimados os derradeiros trabalhos junto do navio, mestre Manuel Mónica, do alto dum estrado, proferiu as palavras sacramentais com que costuma preceder a despedida das unidades que constrói. A seguir a pequenina Marianela, madrinha do barco, acompanhada por sua mãe e ao colo do pai, parte a simbólica garrafa de espumante colocada à prôa; e dez minutos volvidos o sr. eng. Raúl da Costa, da direcção da Marinha Mercante Nacional, por delegação sucessiva dos srs. Augusto Fernandes Bagão e comandante Almeida de Carvalho, capitão do pôrto de Aveiro, corta o cabo e o *Marianela* desliza, majestoso, pela carreira, indo, docemente, lançar-se nas águas límpidas da nossa ria enquanto a multidão, entusiasmada, o sauda com uma estrepitosa salva de palmas. Foguetes e morteiros estoiram no espaço e as sereias dos lugres bacalhoeiros acolhem-no, também, ao vê-lo flutuar perto de si. Foi então enviado ao sr. Presidente do Conselho o seguinte telegrama:

A Emprêsa Continental de Navegação, de Aveiro, na ocasião de lançar à água o seu primeiro navio exclusivamente destinado a transporte e longo curso, o cargueiro-motor Marianela, cumprimenta V. Ex.ª e protesta o seu desejo de bem servir a Nação.

Terminada, assim, a primeira parte desta festa de acentudo cunho marítimo, realizou-se um jantar de homenagem a Manuel Mónica, que teve lugar no Arcada-Hotel, pelas 18 horas. Presidiram os srs. dr. Alberto Souto e Augusto Bagão, rodeados por mais de cem convivas. Ementa regional. Na altura dos brindes o sr. dr. Alberto Souto convida a assistência a saudar os srs. Presidente da República e Presidente do Ministério, o que foi feito de pé. Agradece, em nome da Emprêsa, a presença dos seus convidados e com palavras repassadas de sentimento e saüdade refere-se a António Máximo, traçando o seu perfil como homem de iniciativa, inteligente, de larga visão e apreciáveis qualidades. Apresenta Manuel Mónica como um dos construtores navais de maior evidência no país, a quem vão ser entregues as insígnias do oficialato da Ordem de Cristo, conferidas pelo Govêrno, e acaba por dirigir cumprimentos ao sr. Sena de Vasconcelos, adido naval brasileiro, que se acha presente, lembrando, com eloqüência, os laços de afecto que ligam as duas nações irmãs.

Segue-se o sr. dr. António Cristo, representante do chefe do distrito. Deseja as maiores prosperidades da Emprêsa Continental de Navegação, dá da sua justiça sôbre a personalidade de António Máximo e associa-se à homenagem a Manuel Mónica, colocando-lhe ao peito, no meio duma prolongada salva de palmas, as insígnias da Ordem de Cristo. Depois falam os srs. Presidente da Câmara; coronel Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra, que, por vezes, é interrompido com aplausos provocados pela elegância da sua palavra; Sena de Vasconcelos; Herbert Cassells; António Mónica e, por último, o sr. dr. Jaime Duarte Silva, que, em nome da família de António Máximo, organizador da Emprêsa, agradeceu as elogiosas referências saídas da bôca dos oradores antecedentes.

E nesta altura acabou a primeira festa a que deu origem o *Marianela*. Oxalá uma boa estrêla o guie de modo a levar a Emprêsa Continental de Navegação a novos empreendimentos.

Trágico fim duma rapariga

A polícia trata de averiguar, ao que parece, as circunstâncias em que morreu afogada uma linda moça, que servia em casa de Primo Nunes Génio, no lugar de Quintans, freguesia da Oliveirinha, e cujo cadáver apareceu na manhã de segunda-feira junto da Ponte João Calancho, na próxima vila de Ilhavo.

Por aquilo que já se sabe, tudo leva a crer que se está em presença dum crime ou, antes, de dois crimes, segundo se constata pela autópsia. A Maria Isolina de Oliveira—assim se chamava a infeliz—de 17 anos de idade, saira na noite de domingo sem que fôsse pressentida, devendo ter feito o trajecto para o local onde depois fôra encontrada, sem vida, na bicicleta de alguém que, com o pretexto de a levar a um baile, na Gafanha, por ali a conduziu. O resto, os pormenores, o que se passou na escuridão daquêle sítio êrmo, supomos que há-de ser fácil saber-se, a-pesar-de não haver testemunhas de vista. Os remorsos hão-de auxiliar a Polícia; e esta, por sua vez, há-de procurar obter elementos que a levem a esclarecer o caso de modo a que a Justiça se pronuncie sôbre êle sem sombra de dúvidas.

Recordando

— o —

A campa rasa onde, há um ano, foram depositados, no cemitério de Vagos, os restos mortais do dr. António Lúcio Vidal, dilecto filho daquela vila, cobriu-se de flores na segunda-feira. E junto dela invocou-se a sua memória, caíram lágrimas de saüdade e de gratidão, rezaram os crentes pelo eterno descanço do que tanto bem espalhara em vida. Homenagem simples, modesta, mas sentida. A' altura do carácter de quem a recebeu.

EXPOSIÇÃO DE QUADROS

É hoje inaugurada, no *Club dos Galitos*, a do nosso conterrâneo Francisco Maia.

Deve prolongar-s- até 15 do corrente.

O TEMPO

S. Martinho enviou-nos esta semana mais uns dias do seu verão.

E' para agradecer. E pedir *bis*...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

O nosso melhor amigo

Com a devida vénia, transcrevemos do *Comércio do Porto*, de 14 do mês findo, o interessante folhetim da autoria do sr. Julio Dantas, escritor de rara estirpe, mundialmente conhecido pela sua peça *Ceia dos Cardiais*, traduzida em várias línguas e representada em diferentes teatros europeus pelos melhores actores. Diz respeito a um acontecimento digno de apreço.

Segue:

O caso da cadela de Gândara (Ponte do Lima), cuja ninhada foi enterrada viva numa cova de terra solta, e que desenterrou um a um os cachorros, reanimando-os e restituindo-os à vida (o instinto maternal até nos cães é sublime!), tocou o coração de muitas pessoas que leram a notícia nos jornais. Eu fui uma delas. Confesso o meu cada vez maior afecto pelo cão, conseqüência do meu cada vez mais perfeito conhecimento do homem. Nunca percebi a razão porque os psiquiatras — repetindo-se, em geral, uns aos outros — consideram o amor pelos animais como estigma psíquico de degenerescência. Na minha vida de médico, encontrei muitos degenerados e, designadamente, muitos epilépticos crueis para os animais; não me lembro de ter conhecido nenhum que, pela sua bondade e pela sua ternura pelos pobres brutos, fosse digno de figurar — como diria Paul Franche — na *Lègende dorèe des bêtes*. Não me parece que a zoofília seja, em regra, característica de anomalia psíquica, pelo contrario: os zoófilos, que constituem a grande maioria da humanidade culta, contam-se, sobretudo, entre as pessoas normais, saüdáveis, bem formadas de corpo e de espírito. O amor pelos animais não é apenas, nos indivíduos, expressão de higidez moral; é também, nas sociedades, índice de civilização. Á medida que o nível da civilização e da cultura se eleva, o animal, nosso companheiro e nosso amigo (já o dizia o Evangelho: *et bestiae terae pacificae erunt tibi*), vive cada vez mais perto do coração do homem.

Não se trata, pròpriamente, do sentimento cristão e, em especial do sentimento seráfico pelo animal — pela fera, inclusivamente—que enche as iluminuras de tôdas as hagiografias e se enquadra nos caixilhos de chumbo de todos os vitrais. O pacto do lôbo de Gubbio e de S. Francisco de Assis, docemente imaginado pelos biógrafos do *povorello* e outras lendas cristãs inspiradoras da frase de Michelet, *les bêtes furent rèhabilitèes, comme l'homme*, não nasceram tanto da piedade pelo animal como do movimento geral de exaltação mística perante a obra do Criador. Não se trata também, dos cuidados que, cada vez mais merecem ao homem os animais dotados de valor económico, porque êsses cuidados, longe de significar uma atitude de puramente sentimental, traduzem o progresso das ciências de utilização e obedecem ao princípio de que, aumentando o bem-estar dos animais, se multiplica o seu rendimento. Quero referir-me, apenas, ao amor desinteressado pelos brutos; ao amor que não é, nem cálculo industrial, nem hino cristão; ao afecto natural motivado e compassivo que votamos a todos êsses pobres seres humildemente obedientes à lei do mais forte, e especialmente, aos animais que vivem connosco, que partilham da nossa casa e da nossa existência, e cuja companhia é, às vezes, mais agradável para nós do que a de muitas criaturas humanas. Excluidos os casos de mero exibicionismo ou de evidente extravagância mental, como o de Byron, que nunca ia ao teatro sem levar o seu pequeno urso amansado; como o de Barbey de Aurévilly, que passeava pelas ruas de Paris um cágado prêso a uma fita de sêda; ou, ainda, como o de Cécile Sorel, pródiga de beijos com as tartarugas que lhe ofereceu Clémenceau — nada mais vulgar e menos susceptível de figurar no quadro das degenerescências psíquicas ou das síndromes episódios de Magnan, do que a nossa amizade desinteressada pelos cães, pelos felinos domésticos e por certos pássaros sociáveis, sem esquecer que, na própria lenda *Aurea*, nos aparecem a perdiz de S. João, a aranha de S. Conrado, o pato de S. Martinho, o burro de S. Florêncio, e, até, a truta de S. Francisco de Paulo. Basta, entretanto, o amor do homem pelo cão —inferior, entretanto, ao do cão pelo homem—para justificar o facto de se haver consagrado um dia do ano, o dia 4 de Outubro, sob a invocação de S. Francisco de Assis (e porque não de S. Roque?), ao culto dos animais que com perfeita dedicação e exemplar fidelidade nos acompanham na efémera jornada da existência, e que são, a um tempo, os nossos companheiros, os nossos servos e as nossas vitimas.

O culto do cão não é de hoje nem de ontem. Nas cavernas dos monges cenobitas, como nos paços dos nobres e dos reis, o cão tem sido inseparável do homem. A arte, documento dessa intimidade multisecular, mostra-nos desde as jóias da pintura e da iluminura primitiva, até aos quadros célebres de Velasquez, de Rubens, de Van Dyck, de Teniers, os molossos gigantescos e os galgos aristocráticos ao lado dos seus orgulhosos senhores, muito menos simpáticos, em geral, do que os cães que os acompanham. Alguns dêsses fidalgos bichos tiveram aios, usaram os brazões dos donos e comeram em escudelas de ouro maciço. Mas, àparte estas ingénuas distinções nobiliárquicas, em todos os tempos se lhes deu—quando se lhes deu— o carinho e o confôrto que pode desejar um animal. Recentemente, porém, tem-se talvez exagerado até à caricatura tão natural sentimento, e os cães começam a ser tratados como gente, projectando-se demasiadamente sôbre a sua obscura existência os hábitos, as modas, as tendências, e, até, os defeitos dos donos. Sobretudo desde que o cão passou a ser objecto de luxo, temos assistido á modificação completa das condições de vida dêste excelente animal, que já se veste, que já usa botas de borracha para não sujar os pés e as mãos na rua, que já se lava e se perfuma com sabonetes e essências fabricadas expressamente para a higiene canina, e que, como qualquer pessoa elegante, frequenta a manucura que lhe corta e enverniza as unhas, os institutos de beleza que lhe tratam do pêlo, dos dentes e das rugas precoces do focinho,—porque, meus senhores, a verdade é que já há (ou havia antes da guerra, pelo menos em Paris e em Londres) institutos de beleza para cães, casas modelarmente instaladas onde os *pointer*, os *fox terrier*, os *deutch shaferhund*, os *chow-chow*, os irritantes pequinezes e os feios *bull dog* vão aformosear-se, rejuvenescer-se, pentear-se, pintar os olhos, endireitar as orelhas, frizar as caudas, tratar da pele, tomar banhos de vapor, fazer maçagens eléctricas, realizar, enfim, os mesmos tratamentos que àparte as caudas e as orelhas—pontualmente praticam as mulheres elegantes do nosso tempo. E—devo dizê-lo—nas grandes capitais europeias não há apenas institutos desta ordem; há dentistas para cães, oftalmologistas para cães, farmácias que só vendem produtos destinados à terapêutica e à higiene canina, hospitais e sanatórios de cinoclínica, e até (em Lisboa também os temos) cemitérios para cães, cheios de epitáfios tristes e lá-

Compra a lavoura o seu dever

No recente apêlo do Ministério da Economia aos nossos lavradores, aos quais pediu *que preparassem com dobrada intensidade, as culturas da Primavera e as sementeiras do Outono de 44*, expressamente se disse, no final dêsse apêlo, que *se trata do bem das famílias, da segurança da colectividade, da ordem e da paz social.* Estão elas, em grande parte, dependentes da lavoura, do seu esfôrço, do entusiasmo com que o realize, do cumprimento devotado do seu dever. Não se negue, pois, o mais intenso trabalho de produzir— de garantir, com as providências do Govêrno, o pão de milhões de portugueses.

Algo há, se não muito, no seu esfôrço, que participa da lei da caridade para com o próximo, que, afinal, bem fácil é cumprir, pois nela também entram, neste caso, os bôcados do mesmo sangue luso—o das nossas famílias, dos nossos filhos, de todos os portugueses.

Atenção para a 4.ª página

Carta de Lisboa

Falou Salazar

Causaram, como sempre, a maior e mais comprensível sensação, os discursos pronunciados por Salazar na Assembléa Nacional.

No primeiro, o Presidente do Conselho prestou homenagem à grande e extraordinária figura de homem de Estado que foi o eng. Duarte Pacheco, tão tràgicamente levado pela morte. No segundo, Salazar deu conta do que tem sido a nossa política ante as circunstâncias criadas pela guerra, política que sempre se tem baseado na consolidação da aliança inglesa e no estreitamento da amizade com o Brazil e a Espanha. O Presidente do Conselho mostrou mais uma vez, e de maneira tão expressiva como eloquente e clara, o que tem sido a patriótica orientação da nossa política internacional.

Antes, porém, dos discursos do Chefe do Govêrno tinha tôda a imprensa divulgado o prefácio do novo volume dos Discursos de Salazar em que o grande homem de Estado, mais uma vez, traça o caminho que deve ser o seguido pelo país.

Referindo-se à maneira como devemos encarar o futuro, disse e muito bem Salazar:

«Nós temos naturalmente de prevêr a ressaca dos acontecimentos, mas não temos de recear os tempos futuros, seja qual fôr a vastidão ou dificuldades dos problemas que a guerra crie, que a paz suscite. Estamos, por mercê de Deus, na zona que a sua luz e a sua paz ainda iluminam e docemente recobrem: podemos observar, reflectir, trabalhar, precaver-nos; somos senhores do nosso pensamento, livres dos nossos actos, superiores aos ódios cegos que dividem o mundo e rasgam o próprio seio das nações.»

Esta deve ser, efectivamente, a nossa posição. Perante ela, sejam quais fôrem os acontecimentos que venham a produzir-se, nós devemos ter a consciência do que sômos, do que valemos e do caminho por que queremos enveredar.

Basta que nos lembremos que, como diz Salazar, nos não é permitido sermos inúteis; basta que nos disponhamos a formar cada vez mais íntima e estreitamente à volta do Govêrno para que tenhamos não só cumprido o nosso dever, como mais do que isso, arranjado as condições necessárias para resistir a tôdas as dificuldades.

CORDEIRO GOMES

Dr. Santos Reis

Em Fevereiro e Março de 1932 foi levantada na imprensa uma escandalosa campanha de difamação, injúria e descrédito em volta do nome dêste médico, muito conhecido em Lisboa e actualmente em Estarreja, donde é natural, e a quem era atribuido o pretenso crime de aliciamento de testemunhas falsas. Interveio a Polícia de Investigação do Porto, visto ser necessário para livrarem da cadeia uns cavalheiros de Angeja que estavam a ser julgados na comarca de Albergaria-a-Velha pelos crimes de perjurio, difamação, injúria e exercício ilegal de medicina e veterinária, resultando de aí um processo instaurado contra o referido clínico, que no dia 30 de Outubro teve o seu epílogo no 3.º Juizo da comarca de Lisboa com a absolvição plena.

Para honra da Justiça.

DISTRITO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 10

AVISO

Por determinação urgente do Ministério da Guerra, são avisados, por êste meio, os oficiais milicianos, sargentos, cabos e soldados de tôdas as armas, na situação de licenciados ou na disponibilidade, e bem assim os territoriais, incluindo os isentos condicionalmente, que possuam o curso de medicina, para comunicarem tal facto à unidade ou D. R. M. a que pertencem.

Quartel em Aveiro, 26 de Novembro de 1943.

O Chefe

Amilcar de Mourão Gamelas

Tenente-coronel

pides saudosas — não das viúvas, mas das donas. O amor pelo cão tem-se revestido, nos últimos tempos, de proporções verdadeiramente «humanas». Parece haver o propósito de, na medida do possível, cempensar os cães da contrariedade de não terem nascido homens, decretando a felicidade dos pobres animais. Mas, na realidade será o cão mais feliz desde que o tratam assim? Saberá o homem fazer a felicidade do cão?

Tôda a gente que, mais ou menos imperativamente, pretende decretar a felicidade alheia (os governos, a felicidade dos povos; os homens a felicidade dos cães), devia, antes de tudo, procurar saber em que consiste essa felicidade. Podemos conjecturar que não é, nem enterrando-lhe vivos os cachorros de cada ninhada, como fez aquele varão benemérito de Ponte do Lima, esquelho e axemplo de corações bondosos, nem procurando convencê-lo, aos pontapés, da superioridade do homem sôbre o cão, que nós poderemos assegurar ao honrado animal o júbilo de viver, mas penso, também, que certos cuidados excessivos, de que a civilização rodeou os cães de luxo, não são os mais próprios para os tornar felizes. Um dos profissionais do *humour* — Jerôme C. Jerôme ou Mark Twais, já me não lembro bem qual dos dois—manifestou a opinião de que, para conhecer a fundo a psicologia do homem, era preciso estudar atentamente a do cão. Não irei tão longe; embora reconheça, sem esfôrço, que os ideais de alguns *bull-dogs* excedem em elevação, em delicadeza e em generosidade os de muitas pessoas civilizadas. Se as atitudes dêste animal «quási humano» vierem, porém, a merecer as atenções dos mestres da psicologia experimental, fàcilmente se concluirá que tôda e qualquer raça de cão, desde os desdenhosos galgos russos até sos humildes cães de pastor prefere aos édredons, aos perfumes e à doirada sujeição da coleira,—um capacho, algumas pulgas e um pouco de liberdade.

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

Beleza

Ar

Eis o melhor remédio para a saúde e por conseguinte para a beleza.

E' necessário que respiremos ar puro, rico de oxigénio, princípio vital, para bem lavarmos os pulmões e enriquecermos o sangue, tonificarmos os nervos e os musculos.

Nas cidades, nos lugares muito povoados, o ar nunca pode ser muito bom. E' por isso que as raparigas da aldeia são coradas e robustas, frêscas e activas, ao contrário das meninas da cidade—pálidas e olheirentas, doentes e moles.

E' conveniente que quem vive em lugares muito populosos procure, sempre que lhes seja possível, o campo, e aí, respire a plenos pulmões.

Quantas vezes se perdem belas tardes, encerradas em cinemas, em matinées dançantes, onde a atmosfera é saturada de venenos, contribuindo para a doença moral e física em vez de se dar um belo passeio, estudando a Natureza e tirando dela tôda a riqueza e felicidade que, de graça, ela nos dá!

Correr, saltar, praticar desporto ao ar livre, torna o corpo elegante, dá agilidade, desanuvia o espírito e afugenta, com mão firme, a velhice—essa inimiga, que, às vezes, bem cêdo nos bate à porta.

Há pessoas, cuja vida é um sulco de lágrimas; desgostos sôbre desgostos, e chegam ao apogeu da vida com a aparência de raparigas.

Porque? Porque a-pesar de tôdas as tristezas, sabem ser mulheres; conformam-se, e passadas as primeiras horas de dôr, procuram modificar o estado das coisas, pois que não é o pessimismo que remedeia o mal.

Para triunfar na vida é necessário ser atraente, jóvem e ágil. Há tempo para tudo, queridas leitoras; com ordem consegue-se arranjar uma tarde para ir ao campo

Há senhoras, cuja vida é um roseiral de Maio, calma e alegre, sem preocupações, e contudo são uns monstros de carne, sem nervosismo, sem vontade e sem beleza. São as desleixadas, que não se preocupam com a sua própria pessoa. Habituaram-se à indiferença, à indolência, e se um dia lhes é necessário um pouco de actividade não a tem. Um dia, novas ainda, vêm-se desprezadas, recorrem aos institutos, gastam fortunas sem resultado, quando o grande remédio era apenas usarem dos movimentos ao ar livre.

Notai que elegância não é sinónimo de magreza nem de nutrição. Elegância, é o meio termo—carnes rijas e gorduras bem distribuidas, e isso só se consegue com o desporto ao ar livre.

CONSULTÓRIO

D. Maria Emilia Vale Saldanha— A farinha de pau não pode, com vantagem, substituir o arroz porque não contem as propriedades dêste. Em todo o caso pode com ela fazer pratos diferentes e gostosos.

Realmente com o caldo da carne pode cozê-la e desde que fique bem cozida e regularmente espessa, pode acompanhar o cozido. Com caldo de peixe também é bom. Os brasileiros usam-na com o feijão branco, nas feijoadas cariocas, ou crua, posta por cima dos guizados.

Livros

Mais dois volumes nos chegaram da *Editorial «Gleba»*: um de contos, da autoria de Oscar Wilde, e outro de novelas, do escritor A. de Musset. Foram traduzidos, respectivamente, por Ercílio Cardoso e Cardoso Júnior, que noutros trabalhos literários têm revelado a sua competência.

Agradecemos a oferta.

É assim mesmo

Os saldos não são para vista!— diz-se num dos «Cadernos da Revolução» editados pelo S. P. N. que ùltimamente recebemos e no qual se descreve o que tem sido a administração pública desde a entrada de Salazar no ministério das Finanças.

A concluir, lê-se ainda:

Aparece êste opúsculo para mostrar aos portugueses em linguagem despedida de aparato técnico, como foi útil guardar os saldos e como dêles se colheu algumas vezes o necessário para remediar o desnível nas contas das receitas e despesas, em alguns anos surgidos, e ainda para se realizarem algumas obras de fomento necessárias. Os de boa fé compreenderão. Alguns, que a paixão cega, nada os convencerá, pois diz a sabedoria popular *não haver pior cego do que aquêle que não quere vêr.*

O Govêrno, porém, segue a sua rota.

E' o melhor que faz.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

A' MARGEM DA GUERRA

UM GRUPO DE CADETES DA R. A. F. VISITA UMA ESCOLA BRITANICA DE CAÇAS DA AVIAÇÃO NAVAL

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a simpática tricaninha Otilia de Lemos e o nosso amigo Alvaro Ferreira da Silva, comerciante na Batalha; àmanhã, as sr.as D. Maria Ferreira Gamelas Santana, D. Edomea Gomes Craveiro e D. Maria da Conceição Pilarma, esposas, respectivamente, dos srs. tenente Manuel Nogueira Santana, residente em Macieira de Cambra; dr. Eduardo Vaz Craveiro, médico em Ilhavo, e Joaquim Marques Pilarma, industrial de panificação em Lisboa, e o sr. João Vieira da Cunha, da Livraria Universal; *no dia 6, a menina Rosa da Apresentação Santos, filha do sr. Luís Lopes dos Santos, e os srs. António Ferreira da Fonseca, António Ferreira Pais e Américo Crêspo, 2.º oficial da Direcção de Finanças; em 7, o comerciante sr. Jeremias Moreira; em 8, a sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, da* Casa dos Ovos Moles; *o sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal, e o inocente José Gil, filho do sr. Américo Carvalho da Silva; e em 10, a interessante Maria do Carmo Vieira, filha do sr. José Vieira e neta do sr. Henrique Rato.*

—Também àmanhã passa o aniversário da sr.ª D. Maria Julia Seabra de Oliveira e na próxima quarta-feira o da gentil Maria Angela Seabra de Oliveira, respectivamente esposa e filha do nosso amigo Virgilio de Oliveira, sócio-gerente das importantes caves do Barrocão, *de Sangalhos.*

As nossas felicitações.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo teve lugar, domingo, o enlace da insinuante e gentil Margarida Rosa Foito dos Santos, filha da sr.ª D. Aida Margarida Vilar Foito dos Santos, residente no Porto e de seu falecido marido, o snr. António Pereira dos Santos Júnior, com o sr. Noémio Moreira Capela, de Vilarinho do Bairro (Anadia).

Ao acto, testemunhado pelo tio da noiva snr. António Vilar e pelo pai do noivo sr. Gil Nunes Capela e ao copo de água que se seguiu, assistiram numerosos convidados da intimidade dos nubentes, aos quais foram oferecidas muitas prendas.

Ao elegante par que partiu para o sul em viagem de núpcias, desejamos um futuro risonho.

Partidas e Chegadas

Depois de ter passado uma temporada na sua Quinta do Sobral (Pessegueiro do Vouga) regressou a esta cidade o sr. José António de Macêdo Vasconcelos, antigo funcionário da Direcção de Finanças.

—Está cá a passar algumas semanas o nosso conterrâneo Luís Moreira, residente em Ponta Delgada (Açores).

—Estiveram nesta cidade os srs. António Augusto Martins, empregado na Vaccum Oil Company de Coímbra; Jaime Martins Lima, funcionário de Finanças de S. Pedro do Sul e Diamantino Simões Jorge, da Taipa.

Doentes

Tem andado com a saúde bastante abalada o sr. Firmino Costa, 2.º comandante dos Bombeiros Voluntários.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

—Têm-se acentuado, felizmente, as melhoras da sr.ª D. Ligia Cruz, estremecida filha do sr. António Cruz, o que noticiamos com satisfação.

—Já sai à rua e faz clínica o sr. dr. Joaquim Henriques.

O valor do mel

Recebemos três exemplares dum livro elaborado pelo médico escolar, sr. dr. Alfredo de Araújo Serrão e que se destina a tornar conhecido o valor alimentar do mel e a sua aplicação na terapêutica infantil. Editou-o Ministério da Economia por intermédio do Pôsto Central de Fomento Apícola, que, a título de propaganda o enviará gratuitamente a quem o pedir para a Tapada da Ajuda, Lisboa.

Agradecidos pelos que nos foram enviados.

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

A liberdade sem medida

Pela experiência do que em Portugal se viu antes de 1926, pelo que matou a França e pelo que de semelhante se tem visto noutros países onde a liberdade era tida como um fim em vez de ser considerada um meio, sempre condenei a liberdade sem medida. E continuo a fazê-lo, pois os seus malefícios nem as necessidades de guerra são capazes de vencê-los! Assim, para lhes fazer frente, a Repartição de Informações de Guerra de Washington, publicou recentemente um folheto intitulado *Os negros e a guerra*, dirigido aos 13 milhões de negros que formam 10% da população *yankee*. Procura-se aí descrever «o Mundo, caso Hitler vencesse» como um inferno em contraposição à liberdade advogada pela América. Pretende esta brochura rebater os ódios rácicos que se agitam nos Estados-Unidos, mas a mesma liberdade fá-los vir à superfície e aviva-os. Por exemplo, em 8-5-943, o *Philadelphia Pittsburg Courier* escrevia: *«A luta dos negros pela democratização das fôrças armadas malogrou-se miseràvelmente. O exército e a marinha encontram-se divididos por ódios raciais»*, acrescentando o jornalista negro, Prattis que «o exército e a armada dos E. U. A. passeiam pelo mundo inteiro os seus preconceitos rácicos». Por seu lado, o padre negro Adam Powell, de Harlem, protesta que «Enquanto os negros permanecerem como fogueiros nos navios, em unidades isoladas, nos regimentos Jim Crow», para êles, a guerra de nada servirá e já está perdida! Então por que participam nela? A resposta dá-a um negro combatente da outra guerra, Redding: «Nós, os negros, fazemos esta guerra apenas para alcançar uma posição de liberdade na América. A nossa guerra própria, a mais importante—a da nossa liberdade na América—virá mais tarde. Se não acreditássemos na nossa própria vitória na América, não nos sujeitariamos à actual pressão do recrutamento militar».

E' que a liberdade é uma coisa tão relativa que até dela há oprimidos!

A devassa da ciência

A vida é constituida por mistérios que, há milénios atormentam e preocupam o homem. Num trabalho de resultado lento, mas que de tempos a tempos consegue levantar uma pontinha do véu, os bioquímicos entregam-se à devassa dêsses segredos.

No Congresso dos Químicos, levado a efeito em Berlim nos dias 21 e 22 de Maio do corrente ano—diz o Dr. Hans Hartmann—«10 conferências, fruto de longos e laboriosos trabalhos de investigação», ocuparam as atenções o cancro, o virus, vitaminas e hormonas, fermentação e respiração, fôrças vitais da Natureza. Particularmente adiantados vão os estudos sôbre o crescimento da célula cancerosa, embora na sua cura não se vá ainda além da cirurgia e da Roentgenterápia, pois falharam as tentativas para impedir a proliferação da célula cancerosa. O Dr. Lettré, de Göttingen, trabalhando no Hospital Rudolf Virchow, em Berlim, estendeu as suas experiências a mais de 17.000 culturas de tecidos, contendo células cardíacas da galinha, sôbre as quais estudou vários venenos, citotóxicos, que não deixam operar-se a divisão celular. Um dêsses venenos é a colchicina, mas Lettré obteve um derivado ainda mais enérgico. Os participantes do congresso assistiram a um filme onde se via a luta da célula com o veneno. Lettré demonstrou que o organismo humano contém venenos citotóxicos. A colchicina actua também sôbre as células cancerosas, tendo pomadas que a utilizam, dado bons resultados sôbre o cancro da pele; mas o doseamento deve ser tal que o veneno não aja sôbre as células normais, motivo também por que a colchicida não pode ministrar-se por via injectável. A experiência, contudo, abriu largos horizontes a novas investigações. Estão ainda em discussão as experiências de Kögl que diz ter descoberto o ácido glutamínico na célula cancerosa, o que o químico-fisiologista berlinense Lohmann põe em dúvida. Quanto ao virus estuda-se a estrutura da molécula para dar mais um passo contra as doenças infecciosas. As vitaminas deram novos resultados. A vitamina B_1 pode ser substituída pela «tirosina». Melhor conhecido é já o metabolismo do ácido nucleínico e acético ao corpo humano, bem como a fermentação e a respiração, a composição química das hormonas sexuais e das côres das asas das borboletas. Enquanto a guerra ceifa milhões de vidas, exércitos de sábios dedicam-se à prescutação dos fenómenos biovitais, em prol da vida de todos nós! Deus os ajude no seu benemérito empreendimento que é desinteressado e alheio a ambições.

Comando Militar de Aveiro

Convocação

Em cumprimento do Art.º 30.º dos Estatutos da Cooperativa da Guarnição Militar de Aveiro, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir no dia 14 de Dezembro próximo, pelas 16 horas na Sala dos srs. Oficiais do Regimento de Cavalaria N.º 5, a-fim-de eleger os corpos gerentes para o ano de 1944.

Caso não reuna número legal de sócios no dia e hora indicado, é desde já a mesma convocada a reunir no dia 16 do dito mês, no mesmo local e hora.

Aveiro, 30 de Novembro de 1943.

O Comandante Militar

Luís de Sousa e Faro

Coronel

Casal com filhos

Precisa-se para trabalhar na lavoura numa quinta em Moranzel. Dirigir a José Costa—Murtosa.

Pensão-Restaurante

Passa-se muito afreguesada e em bom local, preferida pelas excursões tanto do norte como do sul e ainda pelos viajantes de todo o país.

Nesta Redacção se indica.

Farmacêutica

Oferece-se. Resposta a êste jornal.

Câmara Municipal de Ovar

Concurso para obras

A Câmara Municipal dêste concelho faz saber que está aberto concurso público para a adjudicação da transformação em alameda do Largo Primeiro de Dezembro, desta vila até às 17 horas do dia 16 de Dezembro próximo, hora a que se procederá à abertura das respectivas propostas na sala das sessões.

Para serem admitidos ao concurso, terão os concorrentes de fazer o depósito provisório na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guias requisitadas na Secretaria da Câmara e o depósito definitivo será de cinco por cento da adjudicação.

As propostas serão apresentadas em carta fechada e o projecto, programa do concurso e caderno de encargos estão patentes na Secretaria todos os dias úteis das 11 às 17 horas.

Ovar, 20 de Novembro de 1943.

O Presidente,

a) *Manuel Pacheco Polónia*

Comarca de Aveiro

Anúncio

Por sentença de 15 do corrente mês, que transitou em julgado, com o fundamento do n.º 4 do art.º 4.º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges Anunciação Nunes Maia, que também usa o nome de Anunciação Nunes da Silva, doméstica, e António dos Santos Silva, marceneiro, ambos desta cidade, ficando, assim, dissolvido o seu matrimónio, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 27 de Novembro de 1943.

Verifiquei.

O Juiz de Direito substituto,

Fernando Moreira

O Chefe da 1.ª Secção, 2.ª Vara

António A. dos Santos Vítor

Hoteis e restaurantes

Os Serviços de Turismo do S. P. N., em concordância e cooperação com a Intendência Geral dos Abastecimentos, comunicam as seguintes elucidações referentes ao despacho de 10 de Agosto passado, de S. Ex.ª o Ministro da Economia:

Acompanhamentos dos pratos comuns: podem ser dois por prato. Exemplo: batatas e legumes. Pratos guarnecidos: são também autorizados ao almoço. Pequenas doses de manteiga: permitidas, se não se acentuar a falta do produto, em conjunto com os pratos ou à parte. Dietas: as pessoas que utilizem o prato de dieta, podem fazer substituir a sôpa da ementa por canja. Horas das refeições: não há limitação de horas para os almoços e os jantares não podem ser iniciados depois das 22 horas, sendo consentida uma tolerância de *meia hora* para os que estiverem em curso. Queijo ou fruta: o cliente pode ter opção, mas só ao jantar. Repetição de pratos: é livre mesmo quando sejam de dieta. Preparação de alimentação destinada aos passageiros e pessoal das aeronaves: é permitida.

Motor marítimo

Vende-se *Diesel*, a gazoil, de 100/120 H. P., 5 cilindros, em estado de novo. Pode vêr-se a funcionar.

Tratar com *Fernandes Antunes & C.ª, Lda.* — Castanheira da Pera.

Madeira de castanho

Vende-se por junto e a retalho.

Rua Direita, 68—AVEIRO.

Explicadora

1.º ciclo, tôdas as disciplinas; 2.º Física-Quima. Resposta a êste jornal.

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

em lingua portuguesa

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49.0	WRUL	38.4	WKLJ	39.7	WBOS	48.9
8,45	WKTS	49.0			WKLJ	39.7	WBOS	48.9
9,45					WKLJ	30.8	WBOS	25.3
12,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	25.6	WGEU	19.6
13,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	16.9	WRUL	19.5
17,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8				
18,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEA	25.3		
19,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEO	31.5	WKLJ	30.8
20,45 às 21,15	WRUA	39.6	WRUS	31.4	(meia hora de programa especial)			
21,45	WRUA	39.6	WRUS	31.4	WKLJ	30.8		
22,45					WKLJ	30.8		
23,45					WKLJ	30.8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na freqüência de 48,43 m. 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m

(Emissões diárias)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Comarca de Aveiro

Anúncio

Por sentença de 15 do corrente mês, que transitou em julgado, com o fundamento do n.º 2 do art.º 4.º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, foi decretado o divórcio difinitivo entre os conjuges Amélia de de Oliveira e Silva, doméstica, do lugar e freguesia de Requeixo, desta comarca, e José Augusto Dias, jornaleiro, actualmente residente na cidade de Porto Alegre, Estado do mesmo nome da República dos Estados Unidos do Brasil, ficando, assim, dissolvido o seu matrimónio o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 27 de Novembro de 1943.

Verifiquei.

O Juiz de Direito substituto

Fernando Moreira

O Chefe da 1.ª Secção, 2.ª Vara

António A. dos Santos Vítor

Nem cardo

Nem coalho em pó

Apenas o

COALHO LIQUIDO "ALPINA"

garante uma fabricação de QUEIJO SEMPRE IGUAL

Depositário:

DROGARIA DE AVEIRO, L.da

AVEIRO

Se a mãe visse isto!

Hoje nada se pode deitar fóra, nem mesmo a energia que é consumida a mais pelas lampadas velhas.

E preciso fazer a sua substituição por lampadas **TUNGSRAM-KRYPTON,** *fazendo assim melhor uso da corrente.*

Os melhores espumantes naturais são os do **Barrocão**

NECROLOGIA

No Alboi finou-se domingo, vitimada por uma hemorragia cerebral, a sr.ª D. Maria das Dores Regala Duarte, que há muito não saía de casa, devido a uma grave enfermidade que lhe torturava a existência.

Contava 59 anos, era filha do falecido clínico sr. dr. Luís Augusto da Fonseca Regala, deixando viuvo, sem descendentes, o sr. Carlos Duarte, empregado na filial do Banco N. Ultramarino e a quem a doença tem, igualmente, martirizado, impossibilitando-o de trabalhar.

O entêrro da inditosa senhora realizou-se no mesmo dia para o cemitério central, ficando o cadáver depositado em jazigo de família.

Ao sr. Carlos Duarte e a quantos pranteiam a morte de sua dedicada esposa, as nossas condolências.

* * *

Com 89 anos também deixou de existir o sr. José Gonçalves da Madalena, que na segunda-feira foi sepultado no cemitério sul da cidade.

Era casado, deixando um filho, o sr. Manuel Gonçalves da Madalena, nosso assinante da capital, a quem acompanhamos no seu luto.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Rosa Ferreira Duarte Pecegueiro, viuva, de 66 anos; Maria de Jesus Travêsso, viuva, de 75, e Julia Ferreira da Encarnação, também viuva, de 46; no *Bonsucesso*, Maria de Jesus Maia, casada, de 87, e em *S. Bernardo*, Ana Lopes Vieira, viuva, de 68.

Secção Desportiva

Foot-ball

Beira-Mar 2—A. D. Oliveirense 7

Em Oliveira de Azemeis, o *Beira-Mar* sofreu, domingo, mais uma derrota, para não alterar o ritmo dêste campeonato, que deve ficar nos anais da história do popular club.

E deve seguir...

Visitai o Parque da Cidade

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 5 de Dezembro de 1943 (ás 15 e 21 h.)

Romance duma fugitiva

com Joan Nennett e Fredric March

Terça-feira, 7 (às 21 horas)

Anjos de cara negra

Quinta-feira, 9 (às 21 horas)

24 horas sem mentir

BREVEMENTE:

Maré cheia

Parteira diplomada

Alcinda Machado

PARTOS E TRATAMENTOS

— Rua da Manutenção Militar, 13 —

COIMBRA—Telefone 3.130

Comarca de Aveiro

Anúncio

Pelo Juizo de Direito da 1.ª Vara da comarca de Aveiro, 1.ª Secção—Cristo—se processaram uns autos de acção para justificação da ausência de António Simões Amaro, de Aradas, em que são requerentes José Simões Amaro e mulher Rosa Simões da Cunha, da Quinta do Gato; Maria de Jesus Farela, viuva, de Aradas; Rosalina de Jesus Farela e marido Manuel Ferreira dos Reis Pinto, de Aradas, e requeridos Fortunata de Jesus, viuva, doméstica, moradora na Pocariça, comarca de Cantanhede, e Manuel da Cruz Pericão, casado, de Aradas, com a assistência do Ministério Público cuja acção foi a final julgada procedente, por sentença de 8 do corrente mês e ano de 1943 e consequentemente justificada a ausência há mais de 20 anos do dito António Simões Amaro, podendo fazer-se aos requerentes, por inventário, a entrega dos bens que êle deixou, sem necessidade de caução, mas não se executando a sentença senão decorridos 4 meses depois da afixação do respectivo edital no lugar que a lei determina e da publicação dos respectivos anúncios.

Aveiro, 10 de Novembro de 1943.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

António Gurgo

O Chefe da 1.ª Secção da 1.ª Vara

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Graham Paige

Vende-se um carro desta marca em bom estado, com 24 mil km., fechado, 4 portas, 6 cilindros, 13 cavalos, com 4 pneus novos e 1 velho sobrecelente. Apropriado para montar gasogénio.

Informam *Rittos, Irmãos* — Aveiro.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

DR. JOAQUIM HENRIQUES

MÉDICO

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras — *das 16 às 18 horas*

PRAÇA DO COMÉRCIO

(Aos Arcos)

AVEIRO